

ESTUDO DO CONHECIMENTO SOBRE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS DOS ALUNOS DAS SEXTAS SÉRIES DA ESCOLA ESTADUAL D. PEDRO II, DE JANIÓPOLIS, NO ANO DE 2001

Maria Lindaura Simões de Oliveira*, André Luis de Oliveira*, Janete Garcia Adamo*,
Lucimara Marques Ribeiro Silva*, Maria Aparecida Rodrigues**

OLIVEIRA, M.L.S.; OLIVEIRA, A.L.; ADAMO, J.G.; SILVA, L.M.R.; RODRIGUES, M.A. Estudo do conhecimento sobre métodos contraceptivos dos alunos das sextas séries da Escola Estadual D. Pedro II, de Janiópolis, no ano de 2001. *Arq. Apadec*, 8(1): 24-32, 2004.

RESUMO. A gravidez na adolescência é fator preocupante no contexto mundial, incluindo o Brasil. Os adolescentes precisam estar cientes das implicações de uma vida sexual ativa, conhecer métodos contraceptivos; reconhecer a possibilidade da gravidez como algo muito sério; e, as precauções para ter relações sexuais sem fins reprodutivos. O presente trabalho teve como objetivo investigar o conhecimento dos alunos das sextas séries da Escola Estadual D. Pedro II, do município de Janiópolis/PR, sobre métodos contraceptivos e sua utilização e, a partir dos dados coletados, promover informações que sanassem suas dúvidas e/ou complementassem informações insuficientes sobre o tema. Utilizou-se um instrumento de coletas de dados com questões fechadas, respondido por 127 alunos, com idade entre 12 e 14 anos. Os resultados revelaram: a maioria não conhecia sequer o significado da palavra “contracepção”; muitos não reconheciam a necessidade de orientação médica para utilização dos métodos contraceptivos; com relação à sentimentos e atitudes, mostraram-se um tanto alheios à questão de ambos os parceiros terem responsabilidade sexual equivalente; embora o tema sexualidade seja amplamente divulgado, não há uma abordagem mais direcionada aos anseios dos jovens. A escola é um ambiente propício, por intermédio dos educadores, para oferecer aos alunos possibilidades de sanar dúvidas, e ampliar seus conhecimentos, complementando a educação sexual que recebem da família e sociedade com a finalidade de evitar riscos de gravidez indesejada por informações insuficientes.

PALAVRAS-CHAVE. Adolescência; métodos contraceptivos; gravidez indesejada.

INTRODUÇÃO

A sexualidade manifesta-se em todas as faixas etárias, de forma diferente em cada etapa do desenvolvimento humano. Vale ressaltar que essa manifestação ocorre de forma mais acentuada na adolescência. De acordo com as idéias apresentadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998):

As expressões da sexualidade, assim como a intensificação das vivências amorosas, são aspectos centrais na vida dos adolescentes. A sensualidade e a ‘malícia’ estão presentes nos seus movimentos e gestos, nas roupas que usam, na música que produzem e consomem, na produção gráfica e artística, nos esportes e no humor por eles cultivado.

Segundo Currier apud MEDEIROS (1999),

com a revolução sexual nos anos 60, elevou-se o índice de gravidez entre adolescentes, e os jovens nascidos após esse período retratam a primeira geração da liberdade psicológica, com grandes possibilidades de apresentarem uma liberação sexual inata. SUPPLY(1995) adverte que a possibilidade da gravidez é algo muito sério. Portanto, o casal que deseja iniciar uma vida sexual deve estar ciente de que a gravidez pode ocorrer desde a primeira relação sexual. Assim, caso os dois pretendam ter uma relação sem fins reprodutivos, devem antes providenciar alguma forma de anticoncepção. Mas isso não ocorre freqüentemente; é comum os jovens adiarem a decisão da procura consciente do melhor método anticoncepcional a ser usado por eles, muitas vezes pensando que não vão ter a relação no momento ou que, se tiverem, a garota não engravidará.

*Acadêmicos do quarto ano de Licenciatura Plena em Ciências, Universidade Estadual de Maringá, Campus Regional de Goioerê;
**Professora da disciplina “Projetos: Ciência, Tecnologia e Sociedade II”, do Curso Licenciatura Plena em Ciências, Universidade Estadual de Maringá, Campus Regional de Goioerê, Goioerê, PR.

Uma das causas desse problema pode advir de erros cometidos durante a formação sexual. Outro fator de grande relevância quanto à transmissão de visões e comportamentos é a mídia, que promove imagens eróticas, estimulando crianças e adolescentes e propagando informações desvinculadas da realidade social e cultural desse público.

Falar sobre sexo e suas implicações é ainda hoje motivo de constrangimento para muitas pessoas, especialmente quando se trata do diálogo entre pais e filhos. Muitos pais não têm formação para tratar do assunto, ou sentem-se constrangidos ao fazê-lo, enquanto outros têm medo de que a abordagem do assunto sirva como estímulo para que os filhos pratiquem sexo de forma inconsequente e libertária (MEDEIROS, 1999).

Espaço privilegiado para tratar do assunto é a escola, já que a orientação sexual é uma intervenção pedagógica que favorece a reflexão mediante a problematização de temas polêmicos e permite a ampla liberdade de expressão, devendo complementar a educação recebida da família num ambiente acolhedor e num clima de respeito (SUPLICY et al., 1995). MIRANDA-NETO & CANONICI (1999) comentam que, entre os diversos problemas relacionados à sexualidade, os que mais preocupam os pais são o medo da Aids e de uma gravidez indesejada. É então indispensável que os jovens conheçam os métodos contraceptivos, bem como seu funcionamento (indicações e contra-indicações). Para tal, é importante que tenham a oportunidade de conhecer e escolher o método contraceptivo mais adequado, não se esquecendo de procurar orientação médica. Isso deve caminhar concomitantemente com a abordagem da responsabilidade sexual.

Diante do exposto, realizou-se este trabalho que consistiu em investigar o conhecimento que os

alunos das sextas séries da Escola Estadual D. Pedro II tinham em relação ao tema métodos contraceptivos e, a partir desse conhecimento, fornecer algumas informações sobre o funcionamento destes métodos contraceptivos para esta população.

METODOLOGIA

Este trabalho é descritivo, de natureza qualitativa e enquadra-se como um estudo de caso descritivo cujos resultados são válidos para esta população. A análise quantitativa empregada não é sofisticada, mas teve por objetivo delimitar os resultados atingidos, permitindo-nos interpretar com mais exatidão os fatos e fenômenos da realidade que estudamos.

Iniciamos as atividades desta pesquisa elaborando um instrumento de coleta de dados contendo questões objetivas sobre métodos contraceptivos, o qual foi aplicado a 127 alunos das sextas séries da Escola Estadual D. Pedro II, de Janiópolis, sendo duas turmas no período da manhã e duas no período da tarde. Partindo dos resultados levantados, selecionamos uma das turmas de nossa amostragem (6ª B) para desenvolver aulas no estágio da disciplina de Prática de Ensino de Ciências Físicas e Biológicas. Esse trabalho foi aplicado em doze aulas. Durante as aulas discutimos todas as questões contidas no questionário e apresentamos gráficos que demonstravam o resultado da pesquisa. O questionário aplicado segue transcrito.

Após os alunos estarem envolvidos pelo assunto, sugerimos o desenvolvimento de algumas atividades práticas, tais como montagem de cartazes, produção de textos, jogo de perguntas e respostas (baseado no Show do Milhão) e teatros montados através da criatividade dos mesmos.

Instrumento de coleta de dados para avaliação do conhecimento dos alunos das sextas séries sobre métodos contraceptivos

Dados pessoais:

Idade:..... Turma:.....

Sexo: masculino () feminino ()

Reside em zona: rural () urbana ()

Religião:.....

1. O que são métodos contraceptivos?
 - () São métodos que previnem as doenças sexualmente transmissíveis;
 - () São métodos que evitam a gravidez.
2. Para uma pessoa que tem vida sexual ativa, qual o método anticoncepcional mais eficaz, na sua opinião?
 - () camisinha;
 - () pílula (hormonal oral);

- ☐ DIU;
 - ☐ tabelinha;
 - ☐ coito interrompido;
 - ☐ injeções mensais (hormonal injetável);
 - ☐ diafragma.
3. Na sua opinião, qual é a faixa etária adequada para iniciar a relação sexual?
- ☐ dos 10 aos 12 anos;
 - ☐ dos 13 aos 15 anos;
 - ☐ dos 15 aos 18 anos;
 - ☐ somente após os 18 anos;
 - ☐ independe da idade, o importante é maturidade.
4. Com relação à virgindade você diria:
- ☐ é questão de opinião pessoal;
 - ☐ virgindade é indispensável tanto para o homem como para mulher, devendo as relações sexuais só acontecerem após o casamento;
 - ☐ faço questão de me casar virgem;
 - ☐ prefiro ter experiência sexual antes do casamento.
5. Você acha que a preocupação em relação aos métodos contraceptivos deve ser:
- ☐ somente da mulher;
 - ☐ somente do homem;
 - ☐ de ambos;
 - ☐ não é necessária preocupação em relação aos métodos contraceptivos.
6. Você se sente mais a vontade para falar sobre sexo com:
- ☐ seus pais;
 - ☐ seus professores;
 - ☐ seus amigos.
7. Você acha que a orientação sexual que está recebendo na escola:
- ☐ vai ao encontro de suas necessidades;
 - ☐ deveria ocupar maior número de aulas;
 - ☐ deixa a desejar.
8. O momento adequado para se colocar a camisinha é:
- ☐ na hora da ejaculação;
 - ☐ antes da penetração;
 - ☐ alguns minutos depois da penetração.
9. Em relação à pílula anticoncepcional, é correto afirmar:
- ☐ pode ser tomada por indicação de alguém que já a utiliza;
 - ☐ é uma escolha pessoal, dispensando orientação médica;
 - ☐ deve ser tomada somente com prescrição médica.
10. Os conhecimentos que você tem sobre métodos contraceptivos foram adquiridos em sua maior parte:
- ☐ através de aulas;
 - ☐ através de palestras;
 - ☐ conversando com os pais;
 - ☐ conversando com os amigos;
 - ☐ através de leituras;
 - ☐ através da televisão.

Obrigado pela colaboração!

RESULTADOS

Dos 127 alunos das sextas séries da Escola Estadual Dom Pedro II, de Janiópolis, no ano letivo de 2001, com faixa etária entre 11 e 14 anos, que responderam o questionário, 62% eram residentes na zona urbana e 38% na zona rural. Em relação ao sexo, 40% eram do sexo masculino e 60% do sexo feminino. Quanto à crença religiosa, os dados obtidos mostraram

que 92% eram católicos e 7% eram evangélicos. A maioria dos entrevistados, 60%, demonstrou não conhecer o significado da palavra “contracepção”. Ao serem questionados a respeito do que são os métodos contraceptivos, responderam que são métodos que evitam as D.S.Ts., enquanto apenas 38% responderam que são métodos que evitam a gravidez e 2% não responderam a essa questão, conforme Fig. 1.

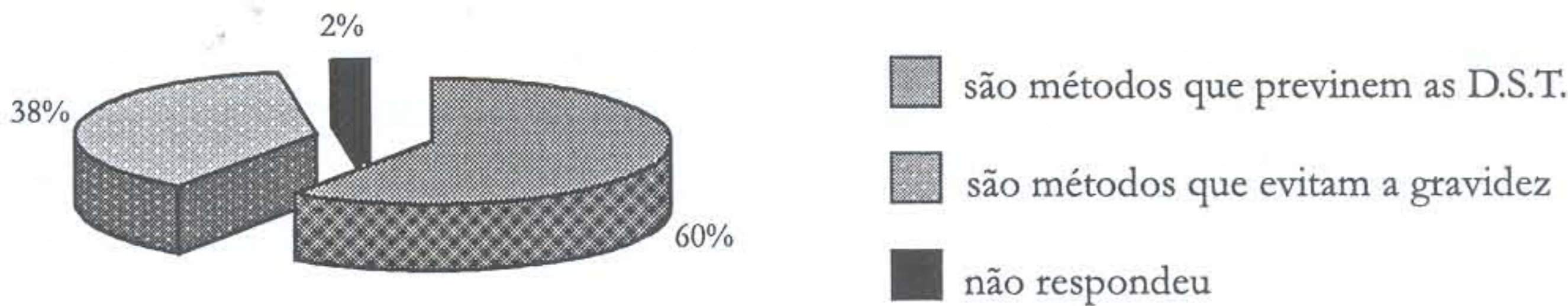


Figura 1. Percentagem de respostas quanto ao significado de métodos contraceptivos, fornecida pelos alunos.

Em relação ao método contraceptivo mais eficaz, 85% apontaram a camisinha (preservativo), 10% a pílula, 2 % indicaram a tabelinha, 2% dos alunos, o

coito interrompido e 1% o diafragma, não tendo nenhum aluno apontado o DIU e injeções mensais, como se pode observar na Fig. 2.

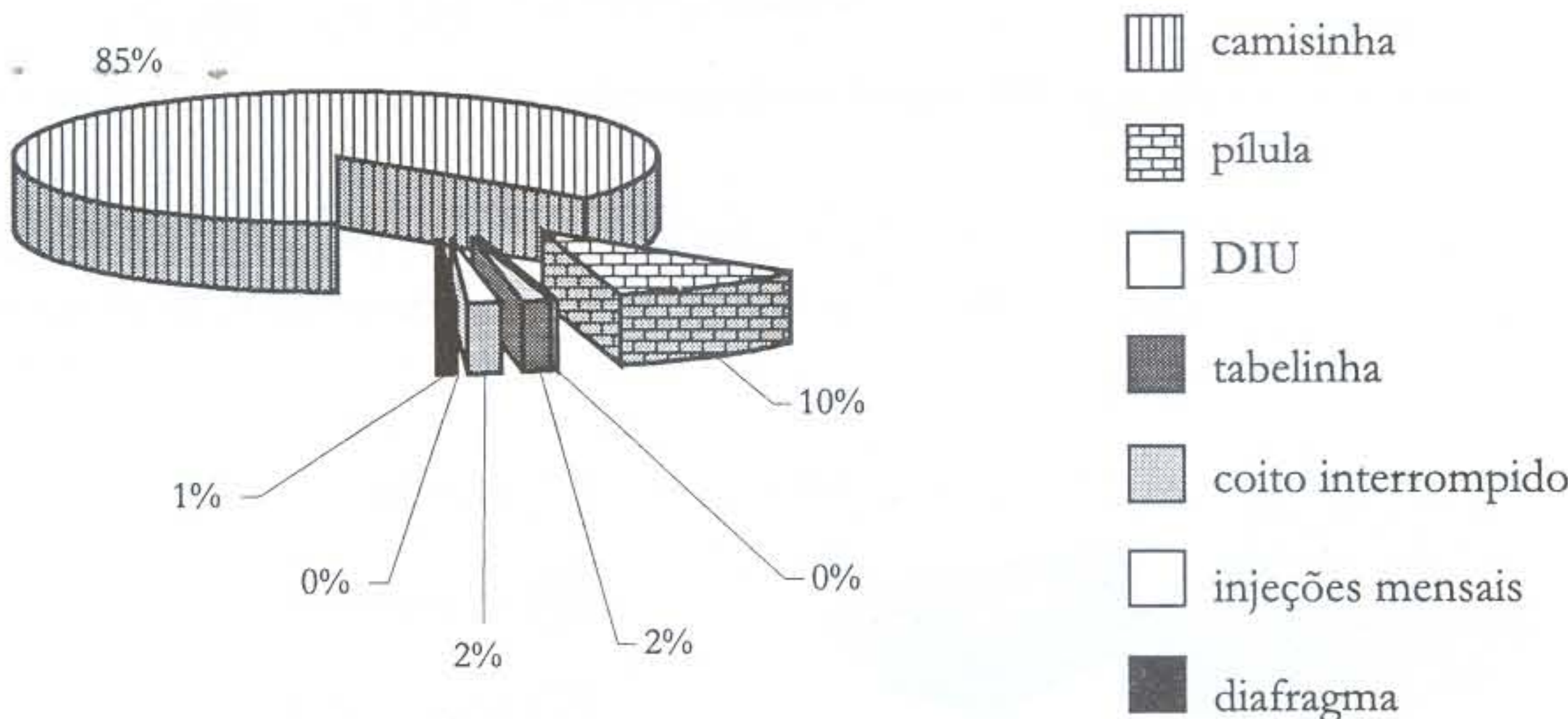


Figura 2. Opinião dos alunos entrevistados quanto ao método contraceptivo mais eficaz.

As respostas encontradas na questão 3 demonstram que 40% dos adolescentes entrevistados acreditam que a faixa etária adequada para iniciar a relação sexual seja somente após os 18 anos, 39%

disseram que independe da idade, 14% indicaram ser dos 15 aos 18 anos, 5% apontaram a faixa etária dos 13 aos 15 anos, 1% dos 10 aos 12 anos, 1% não respondeu a essa questão, de acordo com a Fig. 3.

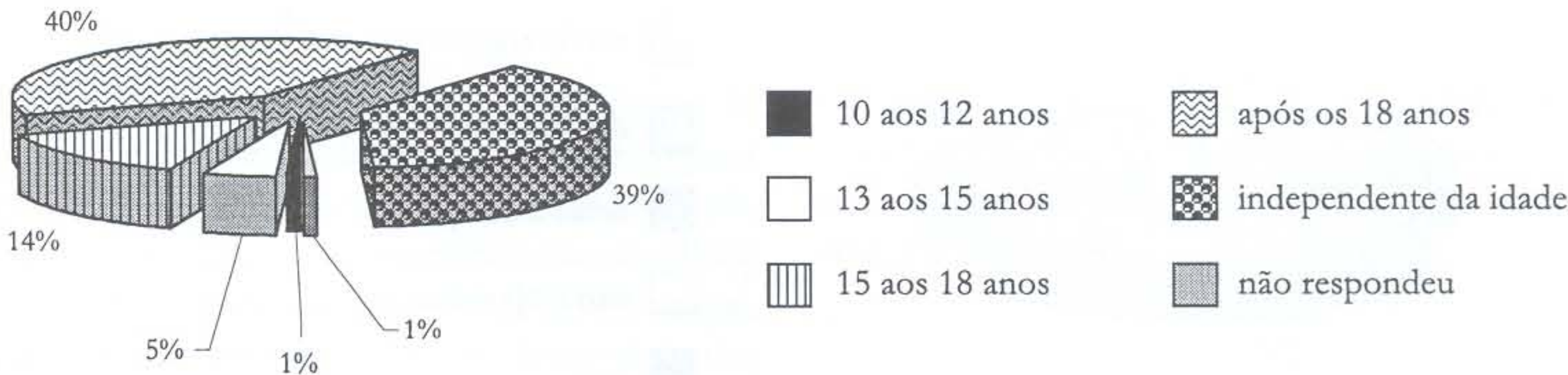


Figura 3. Faixa etária para iniciar a relação sexual apontada pelos informantes da pesquisa.

Em continuidade, na questão 4, com relação à virgindade, obtivemos os seguintes resultados: 25% responderam que é questão de opinião pessoal, 24%

que é indispensável para os dois sexos, 36% que fazem questão de se casar virgem, e 15% que preferem ter experiência sexual antes do casamento, conforme retrata a Fig. 4.

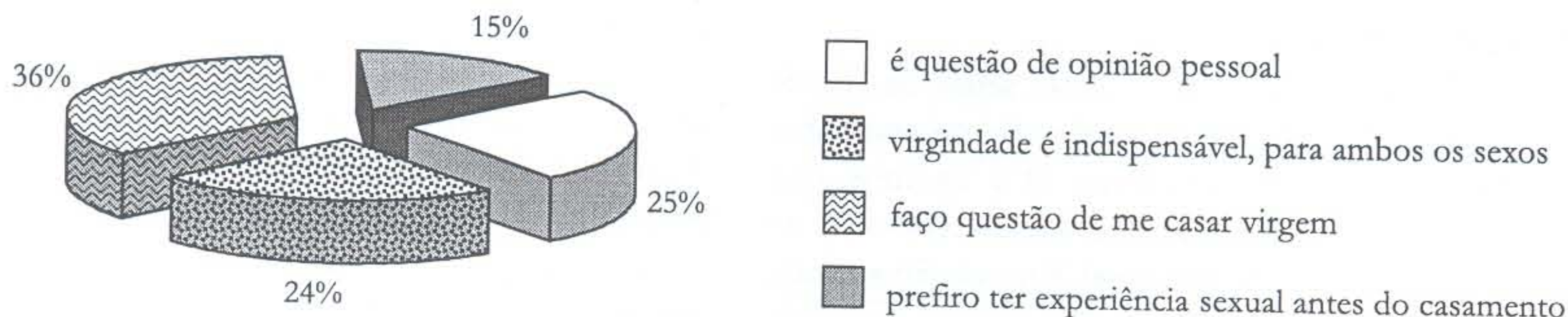


Figura 4. Importância da virgindade manifestada pelos alunos entrevistados.

Quanto à preocupação em relação aos métodos contraceptivos (questão 5), 19% disseram achar que deve ser somente da mulher, 3% somente

do homem, 64% de ambos, 14% que não é necessária preocupação em relação aos métodos contraceptivos, conforme a Fig. 5.

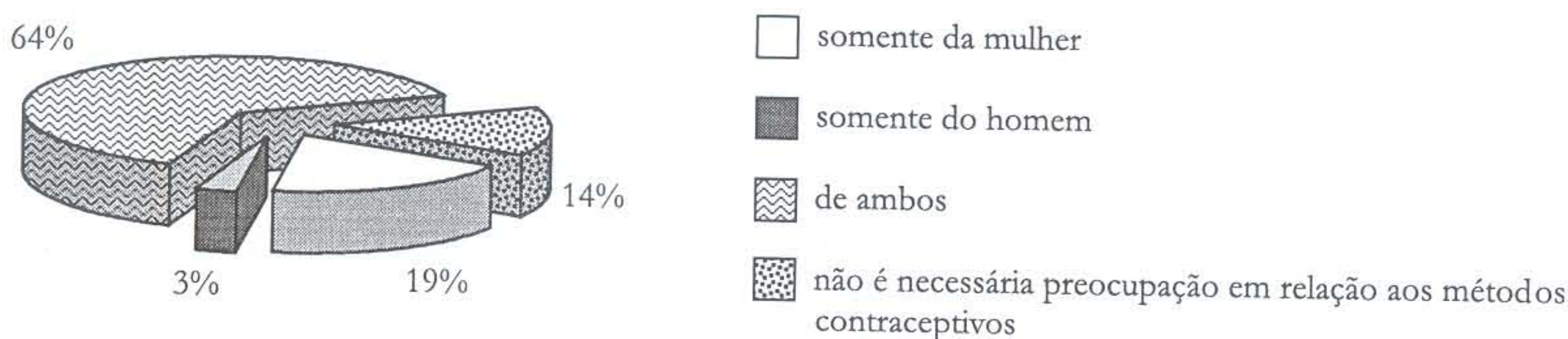


Figura 5. Responsabilidade com relação à utilização dos métodos contraceptivos, indicada pelos estudantes pesquisados.

Nos dados obtidos na questão 6, observamos que 34% dos alunos se sentem mais à vontade para fa-

lar sobre sexo com seus pais, 9% com seus professores e a maioria, 57%, com seus amigos, de acordo com a Fig. 6.

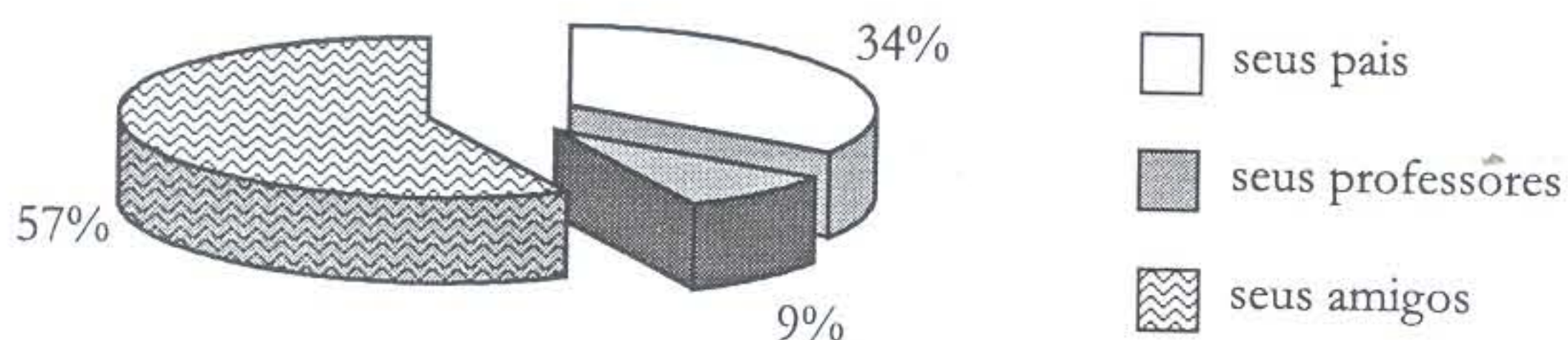


Figura 6. Percentagem de respostas dos estudantes entrevistados quanto à liberdade para conversar sobre sexo.

Com relação à orientação sexual que estão recebendo na escola (questão 7), 28% dos alunos responderam que vai ao encontro de suas necessidades,

50% que deveria ocupar maior número de aulas, 16% que deixa a desejar, 5% não responderam e 1% anulou a questão, conforme representado na Fig. 7.

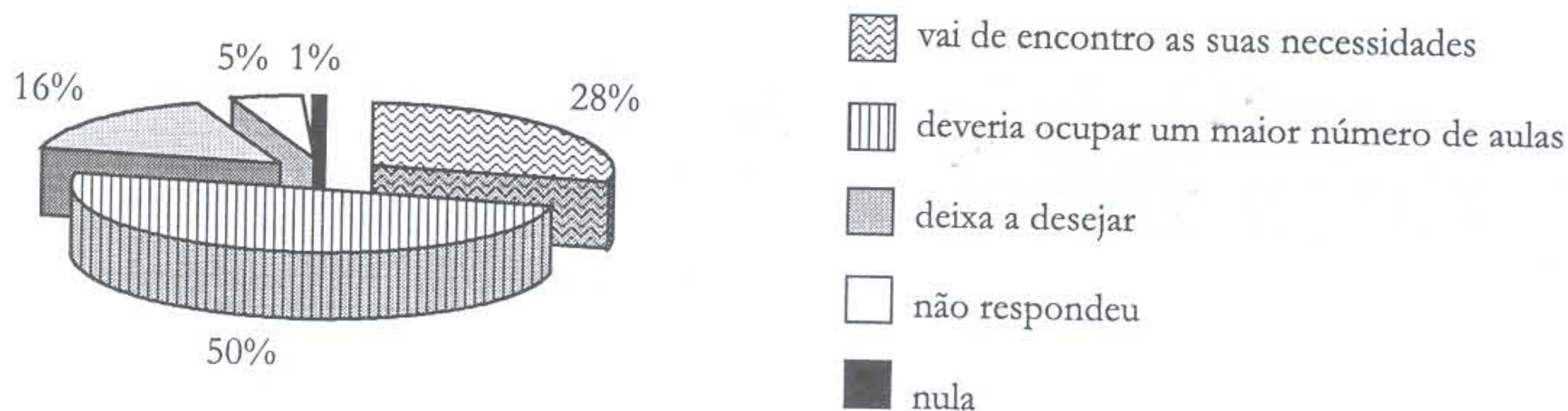


Figura 7. Manifestação dos estudantes quanto à orientação sexual recebida na escola.

Ao perguntar qual o momento adequado para se colocar a camisinha (questão 8), verificamos que 25% dos alunos acreditavam ser na hora da

ejaculação, 67% antes da penetração, e 8% alguns minutos depois da penetração, conforme Fig.8.

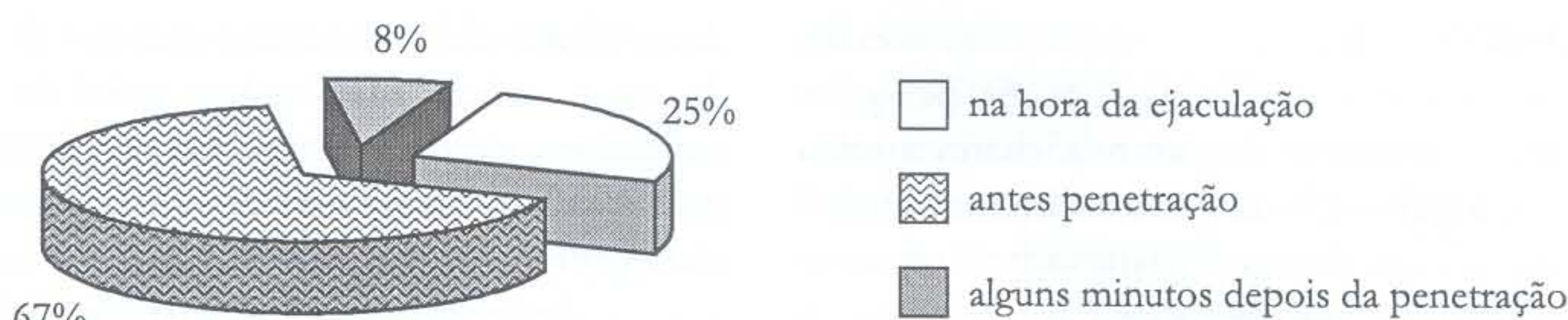


Figura 8. Porcentagem de respostas apresentadas pelos alunos entrevistados sobre a forma adequada para utilizar a camisinha.

Ao serem questionados sobre a pílula anticoncepcional (necessidade de orientação médica), 9% dos alunos afirmaram que pode ser tomada por indicação de alguém que já a utiliza, 24%, que é uma

escolha pessoal, dispensando orientação médica, e 67% que deve ser tomada somente com prescrição médica, como demonstrado na Figura 9.

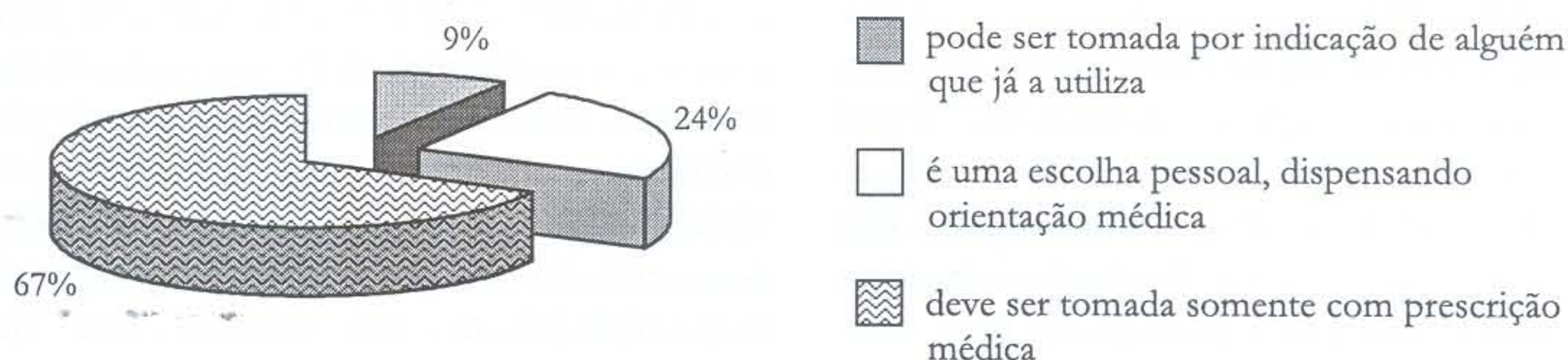


Figura 9. A utilização da pílula anticoncepcional mencionada pelos estudantes pesquisados.

Finalmente, ao apontarem onde foram adquiridos, em sua maior parte, os conhecimentos que tinham sobre métodos contraceptivos (questão 10), 30% dos alunos afirmaram ser através de aulas, 13%

através de palestras, 18% conversando com os pais, 9% conversando com os amigos, 13% através de leituras, e 16% através da televisão, tendo 1% anulado a questão, como mostra a Fig. 10.

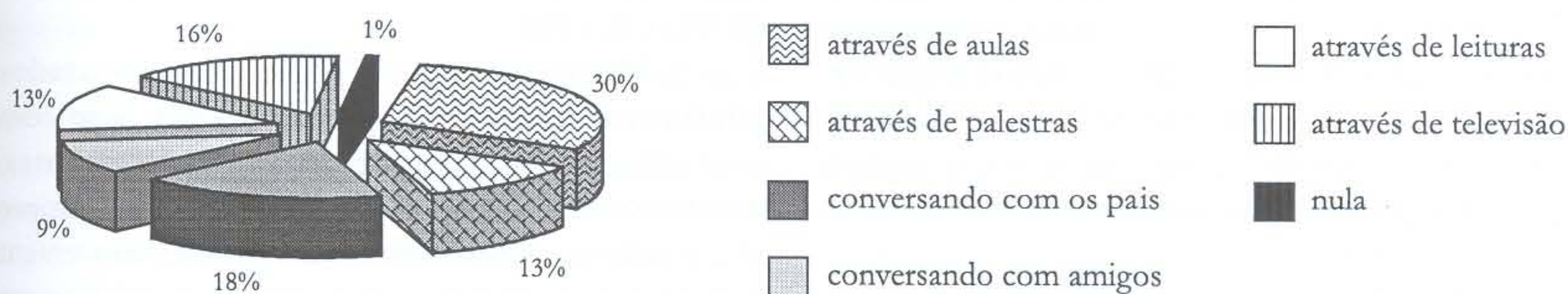


Figura 10. Forma como foram adquiridos os conhecimentos sobre métodos contraceptivos pelos entrevistados.

Nas aulas desenvolvidas, utilizando-se de filmes, kit de métodos contraceptivos e alguns materiais didáticos simples, como cartolinas, revistas, cola e pincéis, trabalhamos textos voltados aos conflitos emocionais da adolescência e responsabilidade sexual, montagem de cartazes e painéis, produção de texto, debates e, ainda, jogo de perguntas e respostas. Em todas as atividades realizadas pôde-se observar o envolvimento e participação dos alunos, que se mostraram abertos à reflexão e debate acerca do tema. Isso ficou evidenciado também nas apresentações de peças teatrais criadas pelos próprios alunos, sem nenhuma intervenção docente. Através de filmagens

das apresentações, pôde-se perceber que os alunos enfatizaram situações complicadas do cotidiano relacionadas às atitudes inconseqüentes dos adolescentes frente à sexualidade.

DISCUSSÃO

A sexualidade tem uma direção significativa no processo do desenvolvimento humano, por estar presente desde o período da gestação e nascimento até o fim da vida do indivíduo. É vivida a cada momento do desenvolvimento evolutivo do ser e se expressa de maneira diferenciada em razão de diversos

fatores (SOARES, 2001).

A análise dos dados obtidos na pesquisa evidencia que a maioria dos alunos entrevistados desconhecia o significado da palavra “contracepção” e também que alguns desconheciam outros aspectos relevantes referentes aos métodos contraceptivos e atitudes responsáveis perante a sexualidade. Diante disso, conciliando o desenvolvimento deste trabalho com a disciplina de Prática de Ensino, trabalhamos com uma das turmas entrevistadas (a que apresentou maior índice de erros) durante doze aulas, quando abordamos alguns aspectos fisiológicos e algumas questões emocionais. Desenvolvemos também algumas atividades práticas, visando o esclarecimento de dúvidas e o despertar para uma reflexão das atitudes referentes a uma vida sexual ativa.

BARROSO & BRUSCHINI (1995) afirmam que, mesmo realizando programas de orientação sexual para jovens que, de antemão, pareçam informados, é importante não superestimar suas informações. Por isso é básico abordar aspectos fisiológicos do sexo. Ainda segundo as autoras, é sempre útil fazer uma revisão geral da parte biológica, ao menos para que o grupo envolvido possa se situar.

A contracepção é tema obrigatório de todo programa de orientação sexual. Segundo as autoras supra citadas é uma questão que como todas as outras implicam valores, devendo ser discutida com ampla liberdade de manifestação dos diversos pontos de vista existentes sobre o assunto.

Todo o sistema educacional privilegia os conteúdos e – para o bem e para o mal – a preparação para o vestibular. Nesse contexto, muitos se esquecem de que os alunos são, acima de tudo, seres humanos reais: jovens cheios de energia, meninas que podem engravidar por falta de informação (ZENTI & GENTILE, 2001).

Notamos nesta pesquisa que quase todos os adolescentes entrevistados apontaram a camisinha como sendo o método anticoncepcional mais eficaz e que muitos deles indicam uma faixa etária baixa como sendo adequada para iniciar a relação sexual. CAVASIN & ARRUDA (2001) ressaltam que uma das grandes preocupações deste nosso mundo pós-moderno é com a gravidez na adolescência e, portanto, é necessário garantir o acesso às informações de todos os métodos contraceptivos, para que os adolescentes possam conhecer, discutir, escolher, enfim, negociar o melhor método para ambos. Nesse sentido, FONSECA & GÓES (1999) comentam que a garotada adora o estilo espontâneo de falar da intimidade em público, mas muitos pais sentem um frio na espinha. Seus filhos fazem parte de uma geração que experimenta o sexo cada vez mais cedo, no Brasil, em torno dos dezesseis

anos. Os autores comentam ainda que os adolescentes de hoje ouvem mais sobre sexo do que jamais sonharam seus pais e avós, mas o índice crescente de gravidez de meninas de treze a dezenove anos indica um despreparo alarmante.

As respostas encontradas em relação à virgindade retratam as mais diversas opiniões, daí a importância de se estabelecer o respeito pela individualidade de cada um. SUPLICY (1995) afirma que ser virgem foi e ainda é considerado por algumas pessoas algo muito importante e que essa idéia não é absurda, visto que a primeira relação sexual é realmente marcante tanto para a moça quanto para o rapaz. A importância da primeira relação sexual está em ser o início da vida sexual. A autora resalta que, diante disso, a possibilidade de ser uma experiência gratificante aumenta à medida que a pessoa tenha informações corretas e esteja emocionalmente envolvida com o parceiro.

Alguns adolescentes acreditam (como demonstrado nos resultados da pesquisa) que a responsabilidade em relação aos métodos contraceptivos seja de apenas um dos parceiros, e ainda existem alguns que acreditam não ser importante essa preocupação. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), a sexualidade envolve pessoas e, conseqüentemente, sentimentos, que precisam ser percebidos e respeitados. Portanto, a responsabilidade em relação à possibilidade da gravidez é algo muito sério; implica pôr um bebê no mundo e essa é uma responsabilidade dos dois parceiros (SUPLICY, 1995).

Verificamos que 57% dos entrevistados sentem-se mais à vontade para falar sobre sexo com seus amigos. Assim, a maioria dos adolescentes, conversando com amigos sobre o assunto, nem sempre obtém informações corretas. Poucas vezes conversam com adultos e, quando isso acontece, os adultos em questão são os pais e os professores.

Quanto à orientação sexual que recebem na escola, muitos alunos acreditam que o assunto deveria ocupar maior número de aulas, enquanto alguns acham que deixa a desejar e poucos acreditam ir ao encontro de suas necessidades. Talvez isso se deva ao fato de que, segundo PINHEIRO (1997), o trabalho de orientação sexual nas escolas implica planejamento e ação pedagógica sistemática, o que envolve espaço no currículo escolar. Não se trata de fenômeno episódico, como uma palestra ou uma semana especial de atividades, mas de abrir o canal para o debate permanente com crianças e adolescentes acerca das questões da sexualidade. A autora destaca que a compreensão dos pais sobre a importância do trabalho com a sexualidade infantil e adolescente fortalece o

trabalho de orientação sexual e pode abrir novas perspectivas de diálogo na própria família.

O índice de erros por parte dos entrevistados, com referência à utilização adequada da camisinha comprova que mesmo os aspectos mais divulgados sobre a vida sexual podem acarretar dúvidas nos adolescentes; é, portanto, indispensável que programas de orientação sexual trabalhem o assunto de forma detalhada, inclusive no que se refere a aspectos corriqueiros. É muito importante também trabalhar as informações juntamente com a responsabilidade sexual, pois, informação por informação pode não levar à prevenção, mas, quando esta vem junto com a reflexão das nossas atitudes, promovendo o resgate da auto-estima e a valorização da vida, podemos então pensar em mudanças. Afinal, educar não é simplesmente informar ou transmitir conhecimentos, mas sim a preparação para a vida, através de um processo de modificação de atitudes, capaz de despertar e canalizar nos indivíduos o seu potencial de humanização (PINHEIRO, 1997).

É também muito comum a utilização de anticoncepcionais hormonais sem orientação médica. Com relação a essa questão, verificamos um percentual significativo de jovens que afirmaram que a pílula anticoncepcional pode ser tomada por indicação de alguém que já a utiliza ou que é uma escolha pessoal. Ao contrário disso, antes de começar a usar qualquer método contraceptivo, deve-se ir a um ginecologista. Conforme SUPLICY (1995), não existe o “melhor” método; existe o que é mais adequado para cada pessoa.

A sexualidade é assunto muito complexo e delicado, que gera muitas dúvidas e ansiedade, especialmente nos adolescentes. É muito importante que se tenha a consciência de que só uma informação segura pode proteger dos riscos trazidos por uma vida sexual ativa.

A sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, por meio de relações familiares. Assim, de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera-se que as crianças e adolescentes os assumam. De forma diferente, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto-referência por meio da reflexão (BRASIL, 1998).

Segundo FONSECA & GÓES (1999), como em quase todas as questões de educação, seria injusto atribuir aos pais toda a culpa ou todo o mérito pelo comportamento de um jovem. Mas, diante da diversidade de informações que se oferece hoje fora de casa (em campanhas, escolas, serviços telefônicos, sites da internet), é razoável pensar que as conversas

em casa estão sendo insuficientes.

SUPLICY (1995) comenta que muitos pais acham difícil falar sobre sexo com os filhos; tendo sido educados em outra época, eles sentem dificuldades em agir de forma diferente. A autora ressalta ainda que alguns pais têm receio de que, ao conversarem sobre sexo, estejam despertando os filhos para a vida sexual; mas, ao contrário, a falta de informação e a ignorância é que aumentam a curiosidade e levam o jovem a aprender apenas através da experiência, nem sempre bem orientado e consciente.

FONSECA & GÓES (1999) afirmam que nas emissoras de televisão as dúvidas dos jovens inspiram programas que se dedicam a respondê-las nos mais variados estilos, e sugerem que conversar sobre sexo é papel dos pais e não da TV. Para os autores, não falta só conversar sobre sexo; é importante falar da vida com os filhos. É necessário que os jovens tenham auto-estima e um projeto de vida, pois quem tem um projeto de vida pensa duas vezes antes de arriscar-se numa relação sexual sem segurança.

As informações vêm das mais diversas fontes, mas a família é a base de toda a concepção; é nela que se inicia a formação do indivíduo. Diante disso, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), não compete à escola, em nenhuma situação, julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece. O papel da escola é abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores e crenças possa se expressar, cabendo então à escola trabalhar o respeito às diferenças a partir de sua própria atitude de respeitar as diferenças expressas pelas famílias.

É importante ressaltar que, especialmente ao se tratar de temas como a sexualidade, que desperta tanta curiosidade e, ao mesmo tempo, constrangimento, se faz necessário oportunizar atividades dinâmicas nas quais o aluno assuma um papel ativo. A exemplo disso, destacamos o desenvolvimento das peças de teatros pelos alunos, nas quais pode-se perceber a aceitação e compreensão do tema. Essa prática permite avaliar a relevância do trabalho docente, bem como o seu aproveitamento.

Cabe destacar, ainda, que o desenvolvimento deste trabalho foi uma experiência gratificante pela interação entre os envolvidos e pelos resultados alcançados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho evidencia o interesse dos alunos ao discutir a sexualidade. Percebemos que, quando o tema é tratado com maturidade e de maneira dinâmica, a participação dos alunos é significativa.

É importante ressaltar que, mesmo a

sexualidade sendo hoje um tema bastante difundido, ainda existe muita dúvida, especialmente por parte dos adolescentes. Verificou-se então a necessidade da realização de trabalhos que desenvolvam atividades que lhes permitam expressar livremente suas dúvidas e opiniões, sem repressão nem constrangimento, sendo indispensável que o tema seja tratado interdisciplinarmente e sempre que surjam oportunidades, não ficando restrito a aulas definidas e mecânicas, fora da realidade dos alunos.

É também fundamental conduzir a orientação de forma que desperte nos alunos uma atitude responsável ante a sexualidade, entendendo que esta deve ser desenvolvida para o bem e a felicidade das pessoas envolvidas, sem o risco de conseqüências desagradáveis. Os jovens devem, portanto, aprender a utilizar as informações recebidas, mas isso só é possível quando a discussão do tema se faz interessante.

Diante disso, conclui-se que a educação sexual se faz completa quando o conhecimento se converte em autopreservação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROSO, C.L.; BRUSCHINI, M.C. *Sexo e juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Apresentação dos temas transversais/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAVASIN, S.; ARRUDA, S. Gravidez na adolescência: um outro enfoque. 2001. Disponível: <http://www.intelecto.net/cidadania/gravidez.htm>. Acesso em 20/03/01.
- FONSECA, C.; GÓES, M. Eles vão transar agora: a vida sexual está começando com muita informação e pouca proteção contra AIDS e gravidez. Pode estar faltando conversa dentro de casa. 1999. Disponível: <http://www.mogi.com.br/adolsex/2001>. Acesso em 27/03/01.
- MEDEIROS, M.R. Investigação sobre o diálogo referente à sexualidade entre alunos do curso supletivo do Colégio Educacional Santo Antônio e seus filhos. *Arq. Apadec*, 3(1):14-20, 1999.
- MIRANDA-NETO, M.H.; CANONICI, E.L. Gravidez e adolescência. *Arq. Apadec*, 3(2):57-59, 1999.
- PINHEIRO, V.M.S. História recente da educação sexual na escola e da sexualidade no contexto da realidade brasileira. *Jornal Brasileiro de D.S.T.*, 3(1), 1997.
- SOARES, L.G.L. A favor do amor. *Amar educando*, 34(300):20-22, 2001.
- SUPLICY, M. *Sexo para adolescentes: amor, sexualidade, masturbação, virgindade, anticoncepção, AIDS*. 3.ed. São Paulo: FTD, 1995.
- SUPLICY, M. et al. *Sexo se aprende na escola*. São Paulo: Olho D'Água, 1995.
- ZENTI, L.; GENTILE, P. A vida invade a escola. *Nova Escola*, 141:18-25.

ISSN 1414-7149

Revista indexada no *Periodica*, índice de revistas Latino Americanas em Ciências <http://www.dgbiblio.unam.mx>